

**9º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Relações Internacionais**

**A IDENTIDADE TUNISIANA COMO FERRAMENTA AUTORITÁRIA:  
KAIS SAIED E SEU DISCURSO ANTIAFRICANO**

**Trabalho completo a ser apresentado no 9º Encontro da ABRI, no dia 27 de julho de 2023, em caráter virtual.**

**Autor:** Leonardo Pagano Landucci.

**Orientadora:** Profª Drª Fernanda Mello Sant'Anna.

**Instituição:** Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (UNESP - UNICAMP - PUC-SP), bolsista CAPES pela UNESP.

**Área Temática:** Análise de Política Externa.

**BELO HORIZONTE**

**2023**

## A identidade tunisiana como ferramenta autoritária: Kais Saied e seu discurso antiafricano

### Resumo

Quase dois anos após a destituição do primeiro-ministro tunisiano por parte do presidente Kais Saied, a situação no país gradativamente caminha para um retorno ao modelo autoritário, antes visto com Habib Bourguiba e Zine El Abidine Ben Ali. Dentre os principais traços do autoritarismo tunisiano, um dos mais latentes ficou conhecido como ‘*Tunisianité*’, dizendo respeito especificamente à ideia da identidade tunisiana.

Esse conceito é definido como “um conjunto de ideias creditadas por estabelecer o cerne de uma perene identidade tunisiana, explicitada por seu realismo, rejeição de qualquer forma de radicalismo e moderação” (ZEMNI, 2016, p. 142, tradução nossa). Historicamente, a ‘*Tunisianité*’, assim como sua utilização irrestrita, se tornou uma ferramenta autoritária e secularista, justificando a perseguição de grupos do Islã Político por parte de Bourguiba e Ben Ali e com o apoio ocidental, como discutido em Wolf (2013, p. 126) e Cavatorta e Merone (2015, p. 37).

Para além de uma construção interna, o conceito se tornou, por essência, a imagem tunisiana internacional, a de um país estável, silenciando os aspectos autoritários de seu governo, como apontado em Landucci e Rocha (2022, p. 273). Nesse sentido, apesar de esforços internos para a consolidação de uma identidade nacional plural, principalmente, pelo conceito de ‘*hawiyya attounsia*’ (identidade tunisiana, em árabe) discutido em Landucci (2022, p. 12-13), a identidade tunisiana aceita internacionalmente reforçava aspectos ditos ocidentais e seculares de sua formação nacional.

Com a virada autoritária de Saied, o debate sobre a imposição de uma identidade tunisiana ganhou força novamente. Durante um discurso, com citações disponíveis em Al Jazeera (2023), o presidente afirmou que a imigração ilegal do continente africano estaria buscando minar a identidade árabe e muçulmana do país, a tornando puramente africana. Reconhecendo a necessidade de identificarmos os arranjos de poder para o estudo da identidade, tal como as dinâmicas de aceitação e resistência, como ressalta Mouffe (1994, p. 107 apud HELAL, 2019, p. 417), o presente trabalho pretende discutir como essa ferramenta identitária pode nos ajudar a entender os recentes movimentos de Kais Saied.

Em suma, tendo sido dividida em três tendências - a essencialista, a consensual e a legalista - por Helal (2019), a ‘*Tunisianité*’ é uma marca da interculturalidade tunisiana e reforça a importância de entendermos a construção identitária como um processo político de inclusão e exclusão. Desse modo, para além de um debate sobre racismo e discurso anti-imigratório na Tunísia, o presente trabalho busca ressaltar como tal declaração e seu recurso à ‘*Tunisianité*’ apontam para mais um movimento autoritário de Saied.

O estudo da identidade foi historicamente presente no eixo teórico construtivista e ganhou perspectivas relevantes ao trabalho com a união com a noção de discurso da Análise do Discurso Francesa. Portanto, reconhecendo o discurso como “o espaço no qual o conhecimento intersubjetivo é criado, sustentado, transformado e, conseqüentemente, se torna constitutivo da realidade social” (HOLZSCHEITER, 2013, p. 03, tradução nossa), reforçamos o peso do mesmo para o conceito de identidade, o tornando frutífero para a análise histórica e bibliográfica proposta.

A partir de tal discussão, espera-se também explorar as maneiras pelas quais a ‘*Tunisianité*’ pode vir a afetar a política externa do país, tendo em vista que a mesma foi central para alianças com a França e com os Estados Unidos em períodos autoritários passados. Anteriormente utilizada com foco contra o Islã Político, o discurso atual do governo Saied pode apontar para uma mudança em sua postura, focada na política doméstica durante sua campanha, como reforçam Hill e Yerkes (2023), e para uma tentativa de aproximação com a Europa na pauta da imigração.

**Palavras-chave:** Tunísia, identidade, discurso, alteridade, cultura.

## Introdução

Historicamente, o campo das Relações Internacionais (RI) foi palco de discussões importantes sobre a invisibilização de possibilidades diversas de análise dentro dos estudos da política internacional. Um desses exemplos, como Halliday (2007, p. 26) aponta, reside no caráter interno das nações, que apenas foi levado em consideração de maneira aprofundada com as abordagens da Economia Política Internacional e com o estudo da Política Externa.

Ademais, de acordo com Rocha (2020), mais recentemente, com os estudos pós-positivistas e críticos, a cultura e a identidade também ganharam novos aprofundamentos, deixando de ser conceitos estáticos e recebendo uma pluralidade analítica. Outro caso emblemático foi o da linguagem, a qual, a partir da virada linguística das Relações Internacionais, passou a compor o arcabouço teórico e analítico da área, como pontua Debrix (2015).

A proposta do presente artigo é unir as contribuições dessas três viradas analíticas dentro das Relações Internacionais para debater o caso da Tunísia. Apesar de receber grande foco com a *Thawra*<sup>1</sup>, a nação, ao longo de sua história, sofreu com um esquecimento analítico por parte dos acadêmicos da área, mostrando a importância de se pensar o país a partir de diversos olhares.

Ao longo de sua história, a Tunísia passou por momentos que marcaram não apenas o debate interno quanto o externo e, principalmente, o regional, reforçando sua relevância. Inicialmente, pensando a partir da disputa de seu território por parte de potências europeias, foi formado um protetorado francês no país. Essa dominação foi amplamente contestada, tendo duas figuras como lideranças dissidentes: Ben Youssef e Habib Bourguiba. Após intensa luta, o segundo se consolidou como um líder para o país que buscava se contrapor com o discurso regional, muitas vezes, contrário ao Norte Global.

Sua postura de perseguição ao Islã Político e o recrudescimento de seu regime levaram outra figura ao poder por meio de um golpe sem sangue: Zine El Abidine Ben Ali. O seu discurso pró-Occidente era ainda mais contundente, tendo se tornado aliado regional dos Estados Unidos na Guerra ao Terror. Apesar de sua fachada liberal, o presidente manteve a perseguição a grupos de oposição e teve sua queda pela *Thawra*, Revolução.

O país entrou em uma série de debates sobre o futuro político da nação e o partido do Islã Político, o *Movimento Ennahda*, se tornou o principal líder da Assembleia Constituinte do país e do governo da Tunísia. As suas políticas, desde o início, foram duramente criticadas por uma elite política aliada aos antigos ditadores do país e tais tensões atingiram seu ápice em 2013, após assassinatos políticos ocorrerem com líderes de oposição ao *Ennahda*.

---

<sup>1</sup> Termo aqui utilizado para se referir ao conjunto de protestos que gerou a revolução tunisiana e a queda da ditadura de Ben Ali. O termo se origina das entrevistas conduzidas por Alhassen (2012).

Em meio à crise, o partido cedeu seu poder para uma frente tecnocrata e, em consequência ao descontentamento populacional, perdeu as eleições de 2014, mas não sua relevância. Após o governo do partido de oposição não conseguir resolver as urgências nacionais, sua preponderância também foi afetada. Com uma crise econômica e social, uma população cada vez mais incrédula com a política e tendo que enfrentar a pandemia da COVID-19, Kais Saied se consolida no poder.

Nessa trajetória política e especialmente após a *Thawra*, marcado por altas expectativas e uma forte presença dos discursos Orientalistas, de Said (2007), como apontam Landucci e Rocha (2022), o país novamente presencia o cenário pré-revolucionário: o esquecimento por parte da academia e um possível retorno autoritário, agora nas mãos de Kais Saied. Apesar de não haver consenso entre os acadêmicos atentos à Tunísia, a perseguição da oposição e o uso do discurso emergencial parecem apontar para uma virada autocrática do atual presidente, como reforça Radeck (2022).

Outro fator que recebeu notoriedade por parte de comentaristas externos foi o comentário do presidente acerca da imigração da África subsaariana para a nação norte-africana. Utilizando de uma retórica anti-imigratória e emergencial presente na extrema-direita europeia, o presidente destacou que existe “um desejo de fazer a Tunísia ser como qualquer outro país africano e não um membro do mundo Árabe e Islâmico” (BLAISE, 2023, tradução nossa) por parte desses imigrantes.

Foco específico deste artigo, a questão identitária tunisiana é acionada pelo presidente, reforçando a importância da sua presença no debate acadêmico. Tal questão torna-se ainda mais relevante tendo em vista a histórica adesão de discursos excludentes por parte de presidentes tunisianos, como levantado em Landucci (2022, p. 14). Desse modo, a identidade do país foi referência na construção da política interna, por meio da exclusão de grupos minoritários, tais como os imigrantes, e da política externa, a partir da noção de pertencimento a identidades mais amplas.

Essa política de perseguição em nome da identidade teve em seu cerne o conceito de *Tunisianité*. Esse conceito pode ser definido como uma narrativa identitária nacionalista e patriota que é construída a partir de, assim como é construtora de, um conjunto de ideias e discursos hegemônicos acerca da população tunisiana (ZEMNI, 2016, p. 142). Para sua conceituação aprofundada, é necessário que seja exposto o que entendemos por identidade e discurso, assim como o contexto social específico em que a mesma foi formulada.

Sendo assim, buscando evitar a essencialização da história do país, o presente trabalho busca aprofundar tal discussão acerca da possibilidade de virada autoritária por parte de Saied a partir das variáveis do discurso e da identidade. Tendo isso em mente, a primeira seção do presente artigo trata sobre a maneira pela qual ambas foram tratadas pela academia dentro e fora das Relações Internacionais.

A partir disso, é estabelecida uma discussão em torno do conceito de *Tunisianité* para a história da Tunísia, cuja definição necessita de uma contextualização histórica presente na segunda seção. Finalmente, na última parte, espera-se debater os discursos anti-imigração de Saïed à luz dos conceitos previamente apresentados, buscando entender, a partir de que medida, a identidade dita no discurso do presidente tunisiano aponta para tal virada autoritária em seu governo.

### **Discurso e a construção da(s) identidade(s)**

A questão da identidade, como mencionada, por muitas décadas foi tratada como um tema fora da alçada das Relações Internacionais. Como apontam Rocha e Camargo (2011), foi a partir do Construtivismo, das teorias pós-Coloniais e da virada pós-positivista que a temática adentrou a área e se tornou parte dos saberes discutidos pela disciplina. Para além das fronteiras do campo teórico, a presente seção, a partir de uma perspectiva crítica, debate maneiras pelas quais é possível conceituar a questão da identidade tunisiana.

Para Stuart Hall (2006), a identidade surge de um processo de construção, ou, nas palavras do mesmo, produção. Em seu debate, o autor ressalta que tal movimento de produção ocorre tanto por um viés de semelhança quanto de diferenciação, sendo caracterizado por sua fluidez. Em outras palavras, a identidade compartilhada reflete um processo em que identificamos “aquilo em que nos tornamos” (HALL, 2006, p. 240). Nesse sentido, a identidade nacional não seria um conceito fixo, mas, como já citado, uma construção de uma identificação histórica e social compartilhada.

Em outro trabalho de sua autoria, Hall (2014) discorre sobre esse processo dentro de uma lógica, principalmente, relacional, em que a identidade seria construída a partir dos encontros com o Outro, se formando a partir de um mecanismo de diferenciação. De tal maneira, para o autor, a exclusão é componente primordial da identidade, se opondo à visão de identidade como estrita união.

A questão da alteridade e sua construção é central para o desenvolvimento acadêmico do conceito de identidade. Para Said (2007), identidades como “Ocidente” e “Oriente” guiaram maneiras de enxergar e reagir ao mundo que compõem nosso extrato social até os dias atuais. Seus argumentos, desenvolvidos em Said (2001) e, profundamente explorados, em Eid e Karim (2014), reforçam a construção da alteridade a partir da impossibilidade de conexões entre o ‘Eu’ e o ‘Outro’.

Ao longo do texto de Woodward (2014), tais afirmações são exploradas a partir das identidades croatas e sérvias, reforçando que “a construção da identidade é tanto simbólica quanto social.” (WOODWARD, 2014, p. 5). Sua perspectiva ainda reforça um outro caráter vital para o entendimento da temática que é a legitimação. Segundo a autora, a mesma

ocorreria por meio de um sentimento de identificação com um passado que teria levado ao “que nos tornamos”, possibilitando sua justificação.

Esse processo de construção de uma história comum é um dos pontos de foco para os argumentos de Wodak, de Cillia e Reisigl (1999). Discorrendo acerca das identidades nacionais, os autores pontuam que, para além de um processo de diferenciação, um jogo entre a memória coletiva e a identificação são necessários para a construção de identidade. De tal modo, a própria nacionalidade seria uma espécie de discurso comum “produzido, reproduzido e espalhado por atores em contextos concretos (institucionais)” (WODAK, DE CILLIA, REISIGL, 1999, p. 155).

Esse argumento é desenvolvido contundentemente por Anderson (2006), cujo conceito de comunidade imaginada nos é útil para a construção da ideia de identidade nacional. Segundo o autor, a imaginação diz respeito justamente ao fato de existir comunhão, mesmo sem o conhecimento pleno dos membros da comunidade entre si (ANDERSON, 2006, p. 06). Seus argumentos reforçam o caráter de identificação e diferenciação que fazem parte da discussão do debate aqui proposto acerca da identidade tunisiana.

De qualquer forma, é consensual entre os autores a importância do discurso e da linguagem para a constituição tanto da identificação quanto da diferenciação. Como Hall (2006, p. 91) defende:

precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos ou institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas.

Nesse ponto, portanto, a Análise do Discurso Francesa se torna um ponto de conexão interessante para a abordagem aqui proposta por ressaltar o caráter sócio-histórico ideológico e construtor de realidades do discurso (ORLANDI, 2005). Em Brandão (1995, p. 37), o discurso aparece como um “jogo estratégico de ação e reação, de pergunta e resposta, de dominação e de esquiva e também como luta”. Sendo assim, existe uma crítica aberta à neutralidade e à essencialização defendida pelos primeiros autores de RI.

Para as Relações Internacionais, seu conceito foi debatido pelas teorias pós-positivistas, sendo a visão aqui debatida próxima da apresentada pelo Construtivismo Crítico. Partindo do conceito de intersubjetividade apresentado por Adler (1999) como o conhecimento partilhado por determinado núcleo social, o discurso para as RI se apresenta como “o espaço no qual o sentido intersubjetivo é criado, sustentado, transformado e, portanto, se torna constitutivo da realidade social” (HOLZSCHEITER, 2013, p. 144, tradução nossa).

Em suma, seguindo a lógica do discurso, a identidade é construída a partir de determinadas ideologias inseridas dentro de uma lógica intersubjetiva e de um contexto

histórico. Um outro ponto de encontro entre a questão da construção ideológica de identidades e o Construtivismo Crítico das RI reside na relação entre o senso comum e a hegemonia de Gramsci apresentada por Hopf (2013). De acordo com o autor, existe a necessidade de se incluir a lógica interna às sociedades para o entendimento dos projetos ideológicos - e identitários - das elites estatais (HOPF, 2013, p. 318).

A partir de tal visão, a identidade apenas se torna um discurso hegemônico, ou seja, que é socialmente aceito como verdade absoluta acima de qualquer outra narrativa identitária, quando se alinha com os interesses - ou memórias - universais da população (HOPF, 2013, p. 321). Portanto, o discurso da identidade nacional não prescreve apenas uma aceitação como se insere dentro da lógica intersubjetiva majoritária da população, por mais que seja circunscrito aos interesses de uma elite.

Essa perspectiva gramsciana é vital para a ideia em torno do consentimento com a identidade nacional, a tornando um regime de verdade, e permite um entendimento de luta de classes que, como apontam Marzouki e Meddeb (2016), é imprescindível para o conceito de *Tunisianité*. Se, a partir de uma perspectiva bakhtiniana, como apontam Rocha e Camargo (2011, p. 5), a língua é o espaço de luta entre classes, apenas com essa união entre os conceitos de discurso, identidade, intersubjetivo, ideologia e hegemonia é possível entender o peso da estruturação política e social da *Tunisianité*.

A partir das definições aqui apresentadas e discutidas, é possível perceber a importância da contextualização histórica para o desenvolvimento de qualquer estudo sobre identidades. Para isso, discutiremos o período do protetorado francês e os dois governos autoritários após o seu fim. Tais momentos marcam a consolidação da *Tunisianité* e servem para explicar sua resistência.

### **O período pré-*Thawra*: a construção e consolidação da *Tunisianité***

O fato de que o governo está trabalhando para construir uma nação moderna e progressiva explica porque seu prestígio se manteve intacto apesar dos pesados desafios que se encontram sob seus ombros (BOURGUIBA, 1966, p. 485, tradução nossa).

A citação de Habib Bourguiba, primeiro presidente da Tunísia após o protetorado francês, advém de seu texto *The Tunisian Way* (1966), “O Modo Tunisiano”, em tradução livre. Bourguiba, como fica claro no texto, teve como principal política interna e externa, a consolidação de um Estado moderno, aos moldes ocidentais, na Tunísia. Em outro trecho que exemplifica tais intenções, o ex-presidente pontua: “nós compartilhamos certos valores com o mundo democrático, especialmente nosso apego à liberdade” (BOURGUIBA, 1966, p. 486, tradução nossa).

Esse “nós” a que o ex-presidente tunisiano se refere é o foco da presente seção, buscando o aprofundamento no debate da *Tunisianité* nos anos antes da chegada de Kais Saied ao poder e na sua própria definição. Apesar do texto em questão ter sido escolhido para introduzir esta passagem do trabalho, é preciso retomar brevemente os debates acerca do período do protetorado francês, tendo em vista que, como afirmam Mullin e Rouabah (2016, p. 172), esse discurso foi inicialmente adotado e construído durante o período do protetorado francês.

De acordo com Perkins (2014), anterior ao processo de formação do protetorado francês, a Tunísia se encontrava no centro de uma disputa entre Império Britânico, França e o Império Otomano. Essa disputa marca a interculturalidade tunisiana, que serviu como base para a França fazer sua diferenciação em relação aos colonizados por meio do discurso de excepcionalidade tunisiana durante o período do protetorado, após sua vitória na disputa pelo domínio do território tunisiano, como Mullin e Rouabah (2016, p. 156) pontuam.

Traçando seus argumentos a partir da ideia do discurso de ‘estado de emergência’ e suas conexões com a ideia de identidade tunisiana, os autores reforçam como, durante o período do protetorado, a *Tunisianité* aparecia como especificidade tunisiana, pontuando uma diferenciação institucional e inquebrável entre colonizadores e colonizados. Nesse sentido, em seus primeiros traços, havia uma narrativa de subjugação da Tunísia a partir da inferiorização de sua identidade (MULLIN, ROUABAH, 2016, p. 156-157).

Isso é importante para entendermos as lógicas de dominação que formularam a identidade tunisiana ao longo de sua história. Ainda assim, é preciso pontuar que os principais estudos acerca do tema iniciam seus debates a partir do período pós-protetorado, quando o discurso da identidade passa da elite colonial para a elite política local no país. Essa questão começa a ganhar sua forma mais recente, a partir da vitória da narrativa modernista de Habib Bourguiba sobre o nacionalismo árabe de Salah Ben Youssef (MULLIN, ROUABAH, 2016, p. 158).

De acordo com Cavatorta e Merone (2020, p. 362), as tensões entre os dois projetos de construção nacional marcaram o debate identitário político no início do período pós-protetorado e estabeleceu a elite política do país no poder. A ideia central de Bourguiba era adotar o francês como língua central, promover uma versão única do Islã, a partir de uma visão secularista, e emular o Ocidente para o desenvolvimento da Tunísia, como afirmam Mullin e Rouabah (2016, p. 159) e Helal (2019, p. 426). Tal marca reforça os compromissos ideológicos e discursivos reiterados ao longo de seu governo, após sua vitória em tal disputa política.

A modernidade é aqui definida “uma máquina geradora de alteridades que, em nome da razão e do humanismo, exclui de seu imaginário a hibridez, a multiplicidade, a ambigüidade e a contingência das formas de vida concretas” (CASTRO-GÓMEZ, 2005, p. 87) e se

apresenta como principal marca do discurso político bourguibista. Dessa forma, ao adotar tais narrativas para o seu projeto identitário, Habib Bourguiba levou à produção acelerada de alteridades dentro do território intersubjetivo tunisiano.

As principais alteridades ideológicas para o período de Bourguiba foram a esquerda, o Árabe-nacionalismo e o Islã Político, como pontuam Cavatorta e Merone (2015, p. 34) e Mullin e Rouabah (2016, p. 173). A dicotomia central nessa relação foi a da moderação e radicalismo, na qual a modernidade aparece como moderada e gerada a partir de moldes ocidentais e da interculturalidade tunisiana e os outros projetos aparecem como inimigos do Estado e de seu prestígio (*haybat ad-dawla*).

O discurso governante da *Tunisianité* reformulado a partir de Bourguiba era uma narrativa de autogovernança, em que, como Zemni (2016, p. 147) explica, levava as pessoas a agirem a favor da preservação do prestígio estatal em suas ações. Tal fato se confirma na citação de abertura da seção em que o prestígio é mencionado e reforça sua centralidade para o projeto político identitário de Bourguiba.

O discurso da *Tunisianité* pode ser visto em uma pluralidade de áreas. No caso das mulheres, por exemplo, o mesmo foi responsável por construir um tipo-ideal de mulher tunisiana moderna, que foi explorado interna e externamente para construir a Tunísia como defensora dos direitos das mulheres e alinhada aos debates do Ocidente sobre o tema, como aponta Debuysere (2016) ao longo de seu artigo.

É importante mencionar que essas narrativas foram propulsionadas e justificadas por uma política externa de alinhamento com os interesses de países hegemônicos do Ocidente, como pontuam Mullin e Rouabah (2016, p. 159). A ideia de uma política externa voltada ao Ocidente, assim como uma identidade que, por mais que fosse construída como intercultural, ressaltava aspectos franceses de sua constituição, foi vital para o apoio desta parcela identitária global ao autoritarismo tunisiano.

Com o golpe sem derramamento de sangue de Ben Ali em 1987, a ditadura de Bourguiba chegou ao seu fim, mas seu projeto identitário continuou com novas especificidades. Prometendo uma abertura política e o fim do autoritarismo, Ben Ali tomou as rédeas do governo garantindo participação plural para aqueles que antes eram a alteridade, principalmente, em torno do debate sobre o Islã Político até o início dos anos 90, como apresenta Perkins (2014, p. 199).

Como o autor pontua, essa relação entre Ben Ali e o Islã Político mudou quando uma vitória significativa para o Islã Político na Argélia fez com que o então presidente se voltasse aos seus oponentes e retomasse a política de perseguição à oposição e, em especial, ao Islã Político. Nesse sentido, as especificidades da *Tunisianité* de Ben Ali surgem da síntese de tais tensões, em especial com o *Ennahda*, partido mais proeminente do Islã Político no país.

Apesar de receber críticas sobre seu aparelho estatal repressivo, a permissividade da comunidade internacional se baseava em uma política externa fortemente pró-Occidente e pela entrada do governo tunisiano na Guerra ao Terror como uma peça-chave no combate do “extremismo islâmico” no Norte Africano, como argumenta Wolf (2017, p. 92). O reforço de uma visão única de Islã, a ideia da Tunísia como bastião de uma identidade ocidental na região e um apelo à moderação marcaram o projeto identitário de Ben Ali, cujas nuances não se restringem à sua visão essencializada de Islã, mas aparecem mais marcadamente em tal temática.

De 1957 até 2011, a identidade nacional comandada pelas elites políticas se baseou na *Tunisianité*, fortalecendo seu autoritarismo com um discurso externo de modernidade e repreendendo a dissidência interna com uma narrativa de autogovernança e moderação. Ao longo de sua história, a *Tunisianité* apresentou um caráter mutável, assim como qualquer projeto identitário, mas foi marcada a partir dos discursos pró-Occidente, de moderação, secularista e modernista. A principal característica, portanto, é a emulação do Occidente.

Apesar de exercer grande pressão no intersubjetivo tunisiano, o conceito apresenta notável contestação, principalmente por parte de suas alteridades. O reforço de um pluralismo islâmico, da identidade árabe e, também, da identidade *amazigh* marcaram dissidências à narrativa aqui discutida. Por esse fato, prepondera-se o termo ‘*hawiyya attounsia*’ (identidade tunisiana), como pontua Zemni (2016, p. 137), por ressaltar a língua oficial do país e suas conexões com a(s) identidade(s) árabe(s).

Essas outras visões ganharam grande espaço e notoriedade no período que ficou conhecido como o “pós-*Thawra*”, no qual o debate sobre novas identidades nacionais ressurgia e ganhava espaço e no qual o presidente Kais Saied se elegeu. O período em questão ainda reforça o peso da hegemonia da *Tunisianité* e reforça a sua adaptabilidade, como vamos discutir a partir do discurso antiafricano de Kais Saied.

### **O “pós-*Thawra*”: Saied e uma nova face da *Tunisianité*?**

Apesar de anos de contestações internas à ditadura de Ben Ali, a *Thawra* pegou muitos analistas internacionais de surpresa, como pontua Botelho (2011). A resistência que o regime construiu em torno de si, a partir de sua política externa, adentrou a academia e causou danos latentes na produção de conhecimento. O peso do Orientalismo de Said (2007) é notório em tal âmbito, portanto, a identidade tunisiana propulsionada pela política externa de Ben Ali utilizava-se de seus princípios para se solidificar.

Não se torna surpreendente, nesse sentido, o fato de que a narrativa em torno de Mohamed Bouazizi<sup>2</sup> foi deturpada pela mídia ocidental, o transformando em um herói do Ocidente, como apontam Landucci e Rocha (2021). É importante ressaltar como tais discursos se solidificam a partir da *Tunisianité*, reforçando a história da Tunísia atrelada às narrativas ocidentalizadas.

Com a Revolução atingindo seu clímax com a queda do governo e a fuga de Ben Ali para a Arábia Saudita, o processo político tunisiano viu uma abertura histórica ao longo de 2011, o que possibilitou a reentrada do debate acerca da identidade nacional no país. Acerca de tais debates, Helal (2019, p. 433) apresenta três grandes posições assumidas discursivamente para os novos projetos identitários nacionais.

A primeira posição, a essencialista, marcava a história comum tunisiana a partir de uma narrativa originária, retomando discursos e especificidades cartaginesas e *amazigh* da identidade tunisiana. A construção de tal narrativa ressalta uma relação etnolinguística entre o passado e o presente, tendo como ponto de partida as particularidades tunisianas em relação a outros países da região, tentando reforçar sua essência.

O segundo projeto identitário apresenta-se como uma retomada dos discursos hegemônicos percebidos na própria *Tunisianité*: a ideia da Tunísia como a síntese entre a cultura Ocidental e suas mais diversas camadas identitária, privilegiando a primeira em seus discursos. Essa construção priorizou uma transformação do Islã Político como alteridade e fez pressão sobre os diversos governos que se seguiram à abertura política, utilizando-se da narrativa da moderação e do prestígio estatal.

Finalmente, com a articulação dos manifestantes, a última faceta da *Tunisianité* apresentada neste período de pós-*Thawra* se desenrolava a partir da ideia de democracia e necessidade de mudança. A especificidade tunisiana, ou seja, sua identificação primordial existiria a partir das requisições e frutos da revolução, em uma perspectiva cívica e legalista, como aponta o autor.

Ademais, apesar de não considerarmos a Revolução como finita, o termo para o período que ficou conhecido como “pós-*Thawra*” é levado aqui em consideração por marcar certos rompimentos e continuidades, aos moldes de Keskes e Martin (2018), com os governos ditatoriais do país, principalmente quanto ao projeto identitário tunisiano. Nesse sentido, apesar do fator consensual ser hegemônico, a abertura para a narrativa do *Ennahda*, por exemplo, se apresenta como uma clara distinção entre esses momentos.

---

<sup>2</sup> Bouazizi foi creditado por dar início à Revolução ao atear fogo em si mesmo, em um ato de contestação a certas práticas do regime de Ben Ali.

É importante ressaltar, no entanto, a limitação de tal abertura para o discurso do partido do Islã Político. Durante seu governo *troika*<sup>3</sup>, houve uma pressão social, advinda das próprias consequências da intersubjetividade anti-islâmica propagada pelos governos anteriores, para mudanças profundas dentro do partido. Tal questão fica clara pelo discurso de Ghannouchi (2016), um dos fundadores do partido, celebrando a mudança da ideologia do partido para Democracia Muçulmana em 2016.

O questionamento da abertura e a demonstração da resistência da *Tunisianité*, que monopolizou o Islã e cerceou debates identitários, se percebe na saída do poder por parte da *troika*, dando espaço para um governo teoricamente tecnocrata, e na vitória presidencial de Beji Caïd Essebsi em 2014. O seu discurso identitário, cuja aderência às ideias de prestígio estatal e de moderação tunisiana se notava, foi marcado por um retorno à *Tunisianité* de Bourguiba, tendo o mesmo sido parte do aparato político do ex-ditador, como reforçam Mullin e Rouabah (2016, p. 152).

De acordo com Marzouki e Meddeb (2016, p. 127-128), apesar de não haver consenso, apontando para um fim explícito da hegemonia do “Bourguibismo”, podemos perceber como a estrutura da *Tunisianité* se mantém. Seja na pressão contra a *troika* ou na popularização de discursos acerca da moderação tunisiana, a *Tunisianité* marcou o período “pós-*Thawra*” também, ainda que excluindo a faceta evidente de Bourguiba.

Esse cenário de instabilidade político-identitária se manteve, fato que pode explicar a eleição de Kais Saied. Tal presidente se pautou em um discurso que reforçava a língua árabe e que prezou por um afastamento da Europa, se conectando com uma memória e coletivização em relação ao continente africano, como reforçam Rahmouni (2022) e Hill e Yerkes (2023). Seu foco para países africanos, árabes e mediterrâneos, de acordo com os últimos, reforçam esse caráter de não-alinhamento imediato com o Ocidente.

Com a Tunísia perdendo foco internacional para outras questões regionais e desafios globais, como a pandemia da Covid-19, o país foi notado novamente apenas em 25 de julho de 2021, quando o presidente realizou uma controversa medida. Após protestos contra a gestão da pandemia por parte do governo e uma festa de luxo realizada pelo primeiro-ministro em um hotel com diversos parlamentares, Saied o destituiu e congelou a ação do parlamento.

O movimento foi visto por comentadores internacionais como um autoritário, mas, como Aliriza (2021) reforçou, uma parte notável da população apoiava a decisão, tendo em vista a falta de atuação governamental frente aos desafios da Covid-19. Essa cisão entre autores ocidentais e aqueles focados na Tunísia reacendeu debates sobre o que define um governo autoritário e maneiras para analisar a política tunisiana a partir de seus termos.

---

<sup>3</sup> Tendo vencido as eleições para a Assembleia Constituinte em 2011 e se tornando o maior partido tunisiano, o *Ennahda* formou uma coalizão com o CPR e o *Ettakatol* conhecida como governo *troika*.

Apesar da falta de consenso, essa posição mudou frente às falsas promessas de retorno aos moldes da Constituição de 2014 e às mudanças propostas pelo presidente, seguindo um plebiscito sem respaldo efetivo em número de votantes. As movimentações de Saied, portanto, passaram a ser vistas a partir de prismas mais céticos de seu retorno esperado.

Dentre as polêmicas envolvendo seu governo, o presente artigo discorre sobre a sua política identitária, especificamente, a partir de seu discurso. Tendo em vista que, de acordo com Rahmouni (2022) e Hill e Yerkes (2023), Saied em sua campanha e primeiro ano de governo apontava para uma regionalização e conexão com o continente africano e um foco para a política interna, seu discurso acerca da imigração africana aponta para uma vertente oposta.

Inicialmente, é preciso ressaltar o caráter da tradução. Tendo em vista que os trechos analisados foram disponibilizados em inglês, a partir de Blaise (2023), é necessário reconhecer a ideologia por trás da seleção específica das palavras. Reforçando as dificuldades de se achar tal posicionamento na íntegra, deve-se reconhecer as limitações do presente trabalho. No entanto, sua discussão, partindo do contexto ideológico tunisiano, ainda se faz frutífera.

Utilizando transcrições de Blaise (2023) e Al Jazeera (2023), diz o presidente que: “Existe um plano criminoso de mudar a paisagem demográfica na Tunísia e alguns indivíduos receberam grandes quantidades de dinheiro para darem residência a migrantes subsaarianos” (BLAISE, 2023, tradução nossa)<sup>4</sup> e fala-se especificamente de “hordas de imigrantes ilegais” (ibid.)<sup>5</sup>. Ao recorrer a questões como ilegalidade e crimes, Saied reforça a exteriorização de um inimigo comum, no caso imigrantes.

Esse ponto é particularmente interessante sobre a questão da identidade, pois, criando a diferença, o mesmo segue para o estabelecimento de um problema. De acordo com ele, existe “um desejo de fazer a Tunísia como qualquer outro país africano e não um membro do mundo árabe e muçulmano” (ibid.)<sup>6</sup>.

Portanto, o inimigo em comum (imigrantes subsaarianos) estariam nos (tunisianos árabes e muçulmanos), a partir de uma ameaça (mudança identitária), quase paranoica. Essas ideias seguem com um chamado para a ação, reforçando a rapidez com que tal resposta deveria ser atingida. Essa mobilização emergencial se justifica no discurso do

---

<sup>4</sup> ““There is a criminal plan to change the composition of the demographic landscape in Tunisia and some individuals have received large sums of money to give residence to sub-Saharan migrants”” (BLAISE, 2023).

<sup>5</sup> ““hordes of illegal migrants”” (ibid.).

<sup>6</sup> ““a desire to make Tunisia just another African country and not a member of the Arab and Islamic world,”” (ibid.).

presidente por meio da menção a “violência, crimes e atos inaceitáveis” (ibid.)<sup>7</sup> decorrentes da presença da população imigrante.

A partir de tal ideia, é possível estabelecer uma semelhança com a conceituação contextual apresentada sobre a *Tunisianité* ou, ainda, levando em conta a dinamicidade das identidades, uma versão “Saiediana” da *Tunisianité*. A questão de uma elite política promovendo a perseguição de um grupo social minoritário, a partir de uma ideia hegemônica de identidade, reforça a continuidade de tais políticas identitárias, a partir do governo atual.

É interessante articular como essa identidade preza por fatores diferentes àqueles recorridos por Bourguiba ou Ben Ali. Ainda que haja um recurso a um discurso dominante na Europa, o discurso anti-imigratório, a ideia de rompimento com a identidade coletiva africana, em prol de uma permanência da visão árabe e muçulmana, é um fator novo. Uma hipótese para isso é a sustentação dos efeitos de mudança decorrente da abertura política no “pós-*Thawra*”.

Em outras palavras, ainda que haja referência a um discurso comum à Europa e ao Ocidente, o principal referencial de construção é uma identidade que havia se tornado a alteridade durante os governos antecessores à Revolução. Dando sequência à sua preferência por essa história coletiva árabe, como levanta Rahmouni (2022), Saied constrói uma alteridade que serve a um discurso hegemônico anti-imigratório, sem abrir mão da sua política, a favor de uma identificação árabe.

Esse discurso de emergência e necessidade de ação coletiva sinaliza para mais uma vertente da *Tunisianité*. A moderação árabe e muçulmana aparece contrastante com uma ameaça africana violenta e criminosa, aos moldes do que ocorria com o Islã Político durante o período pré-revolucionário. Essa criação da alteridade, discurso emergencial, essencialização da identidade e, principalmente, recorrência à moderação são traços explícitos da política da *Tunisianité*.

Uma diferenciação importante que pode ser feita entre a nova formulação da *Tunisianité* e seu recurso passado é acerca de seu caráter hegemônico. Como Butty (2023) aponta, a sociedade civil reagiu de forma crítica à postura do presidente. Apesar do aumento de casos de racismo, existe um descontentamento do senso comum, em relação a Saied, o que, como discorre Hopf (2013), seria necessário para a consolidação de seu projeto identitário.

Apesar disso, o Ocidente manteve sua postura abstinente, de acordo com Tharoor (2023), reforçando que tal medida pode ter um efeito mais amplo de inserção em narrativas de governos anti-imigratórios. De modo geral, apesar de ter iniciado uma política interna, os

---

<sup>7</sup> ““violence, crime and unacceptable acts.”” (ibid.).

recentes movimentos do presidente podem apontar para uma inserção maior no debate internacional, se aliando a potências hegemônicas no discurso anti-imigratório.

Nesse sentido, duas possibilidades acerca de tal discurso se apresentam. Em primeiro ponto, Saied estaria procurando apoio tanto local quanto internacional, por meio de um discurso de emergência e riscos à imagem da Tunísia, mostrando uma consolidação de sua postura autoritária. Por outro lado, pode-se analisar a questão a partir do prisma da *Thawra*, reconhecendo o peso da sociedade civil em possivelmente reverter mudanças autoritárias engendradas por Saied.

De qualquer forma, apesar de seu caráter hegemônico ser questionado, pode-se apontar tal discurso como uma tentativa de Saied de formular sua própria *Tunisianité* e seguir sua política de perseguição da oposição e daqueles que seriam uma ameaça à moderação tunisiana. Para além de possibilidades futuras, é preciso que especialistas revisitem o país, abandonado depois da *Thawra*, e abram discussões sobre a política do presidente.

Em mais de uma década, o “pós-*Thawra*” significou uma abertura tanto nacional quanto internacional e acadêmica para o debate acerca da identidade tunisiana. Portanto, reconhecendo seu caráter de constante mudança, é preciso olhar com criticidade para a *Tunisianité* e seu uso político para a perseguição. Em suma, pensar a política interna e externa tunisiana, a partir do prisma da identidade, recorre a um esforço de se pensar a importância do discurso para a consolidação do autoritarismo.

## Conclusões

Como discutido no presente trabalho, existe uma necessidade para as Relações Internacionais e para a área de Política Externa de reconhecer a identidade como um fator importante para a análise. O exemplo aqui tratado confirma tal diagnóstico. Por um longo período, a questão de *Tunisianité* foi tratada com naturalidade por acadêmicos, ignorando seu peso político para a criação de alteridade.

Os movimentos atuais de Saied são um chamado para repensarmos essas naturalizações, dando voz para as lutas internas do país que foram previamente ignoradas. O contexto atual tunisiano pede cautela, de modo que existe certa imprevisibilidade em torno dos rumos que o atual governo irá tomar. No entanto, não há como negar a importância de um olhar atento sobre o mesmo.

O discurso da *Tunisianité* é um fator ainda pouco explorado e o presente artigo busca colocá-lo sob luz. Outros questionamentos podem ser levantados a partir do mesmo, por exemplo, como a indicação de uma mulher a primeira-ministra se conecta com a *Tunisianité*, um movimento que pode ser relacionado com o conceito de “mulher tunisiana”, analisado por Debuysere (2016). Pensar a partir da identidade, abre ramificações interessantes acerca dos líderes tunisianos, e ainda pouco exploradas.

Seu caráter hegemônico, que afetou inclusive o governo liderado por um partido do Islã Político, abre questionamentos que precisam do aporte das Relações Internacionais, dos estudos de Política Externa e da Análise do Discurso Francesa para florescer. A articulação ocidental historicamente preferiu ignorar lutas internas e aceitar a identidade modernista de Bourguiba, em detrimento da perseguição de minorias, de tal modo, as perspectivas críticas das Relações Internacionais e as visões de discurso da Análise do Discurso Francesa são vitais.

Tais colocações não buscam reforçar um discurso intervencionista, mas reitera a importância do reconhecimento da alteridade e das lutas por voz na Tunísia e em todo mundo. A postura de Saied deve ser analisada tendo em vista sua produção de alteridades e sua construção do “tunisiano”, fatores que lançam luz sobre possíveis direcionamentos de seu governo. Cabe a nós ouvir as requisições da população e abrir o caminho para o debate científico acerca das identidades.

## REFERÊNCIAS

ADLER, Emanuel. Construtivismo no estudo das Relações Internacionais. **Lua Nova**. N. 47, 1999, p 201-252.

AL JAZEERA. **Tunisia's Saied says migration aimed at changing demography**. 2023. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2023/2/22/tunisias-saied-says-migration-aimed-at-changing-demography>. Acesso em: 18 mar. 2023.

ALHASSEN, Maytha. **Please reconsider the term “arab spring”**. 2012. Disponível em: [https://www.huffpost.com/entry/please-reconsider-arab-sp\\_b\\_1268971?guccounter=1](https://www.huffpost.com/entry/please-reconsider-arab-sp_b_1268971?guccounter=1). Acesso em: 02 jul. 2020.

ALIRIZA, Fadil. Why Many Tunisians Are Celebrating President Saied's Decision. **Middle East Institute**, 2021. Disponível em: <https://www.mei.edu/publications/why-many-tunisians-are-celebrating-president-saieds-decision>. Acesso em: 1 jun. 2023.

ANDERSON, Benedict. **Imagined communities: Reflections on the origin and spread of nationalism**. Verso books, 2006.

BLAISE, Lilia. In Tunisia, President Kais Saied claims Sub-Saharan migrants threaten country's identity. **Le Monde Africa**, 23 fev. 2023. Disponível em: [https://www.lemonde.fr/en/le-monde-africa/article/2023/02/23/in-tunisia-president-kais-saied-claims-sub-saharan-migrants-threaten-country-s-identity\\_6016898\\_124.html](https://www.lemonde.fr/en/le-monde-africa/article/2023/02/23/in-tunisia-president-kais-saied-claims-sub-saharan-migrants-threaten-country-s-identity_6016898_124.html). Acesso em: 16 maio 2023.

BOTELHO, Teresa. Os Estados Unidos e a Primavera Árabe. **Relações Internacionais**. Lisboa, n. 30, p. 117-127, 2011.

BOURGUIBA, Habib. The Tunisian Way. **Foreign Aff.**, v. 44, p. 480, 1965.

BUTTY, James. Tunisia says 'no' to Saied anti-African immigrant speech. **VOA Africa**, 2023. Disponível em: <https://www.voaafrica.com/a/tunisia-says-no-to-saied-anti-african-immigrant-speech-/6980283.html>. Acesso em: 01 jun. 2023.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, p. 87-95, 2005.

CAVATORTA, Francesco; MERONE, Fabio. Post-Islamism, ideological evolution and ‘la tunisianité’ of the Tunisian Islamist party al-Nahda. **Journal of Political Ideologies**, v. 20, n. 1, p. 27-42, 2015.

CAVATORTA, Francesco; MERONE, Fabio. Religion and political parties in Tunisia. In: **The Routledge Handbook to Religion and Political Parties**. Routledge, 2020. p. 358-369.

DEBRIX, François (Ed.). **Language, agency, and politics in a constructed world**. 2 ed. NY: Routledge, 2015.

DEBUYSERE, Loes. La Femme’Before and After the Tunisian Uprising:(Dis) continuities in the Configuration of Women in the Truth Regime of ‘Tunisianité’. **Middle East law and governance**, v. 8, n. 2-3, p. 201-227, 2016.

EID, Mahmoud; KARIM, Karim H. (ed.). **Re-Imagining the Other: culture, media, and western-muslim intersections**. NY: Palgrave Macmillan, 2014.

GHANNOUCHI, Rached. From political Islam to Muslim democracy: The Ennahda party and the future of Tunisia. **Foreign Aff.**, v. 95, p. 58, 2016.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. **Comunicação & Cultura**, n. 1, p. 21-35, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: **Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Vozes, 2014.

HALLIDAY, Fred. **Repensando as relações internacionais**. 2. ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.

HELAL, Fethi. The discursive construction of ‘Tunisianité’(2011–2017). **Discourse & Communication**, v. 13, n. 4, p. 415-436, 2019.

HILL, Thomas; YERKES, Sarah. **Tunisian Foreign Policy Under Kais Saied**. Carnegie, 2023.

HOLZSCHEITER, Anna. Between Communicative Interaction and Structures of Signification: Discourse Theory and Analysis in International Relations. **International Studies Perspectives**, [s.l.], v. 15, n. 2, p.142-162, 5 abr. 2013. Oxford University Press (OUP).

HOPF, Ted. Common-sense constructivism and hegemony in world politics. **International Organization**, v. 67, n. 2, p. 317-354, 2013.

KESKES, Hanen; MARTIN, Alexander P.. Orientalism and binary discursive representations of Tunisia’s democratization: the need for a “continuity and change” paradigm. **British Journal Of Middle Eastern Studies**, [S.L.], p. 1-20, 7 nov. 2018. Informa UK Limited.

LANDUCCI, Leonardo Pagano. **A participação da mídia na Thawra: aspectos culturais e políticos da articulação do Orientalismo midiático no pós-“Primavera Árabe”**. 2022.

LANDUCCI, Leonardo Pagano; ROCHA, Elizabete Sanches. A transição tunisiana nos discursos da mídia ocidental: 10 anos de expectativas e Orientalismos. **Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD**, v. 11, n. 22, p. 267-292, 2022.

LANDUCCI, Leonardo Pagano; ROCHA, Elizabete Sanches. O Orientalismo E O Silenciamento Midiático Da Thawra: A Imagem Do 'Árabe' E A Construção De Mohamed Bouazizi. **Gepom em Revista**, v. 2, p. 89–106, 2021.

MARZOUKI, Nadia; MEDDEB, Hamza. The struggle for meanings and power in Tunisia after the revolution. **Middle East law and governance**, v. 8, n. 2-3, p. 119-130, 2016.

MULLIN, Corinna; ROUABAH, Brahim. Discourses of power and state formation: The state of emergency from protectorate to post-uprising Tunisia. **Middle East Law and Governance**, v. 8, n. 2-3, p. 151-178, 2016.

ORLANDI. Eni Pulcinelli. **Análise do discurso : princípios e procedimentos**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.

PERKINS, Kenneth J. **A History of Modern Tunisia**. 2. ed. Ny: Cambridge, 2014.

RADECK, Mats. Tunisia's Deadlocked Situation: President Saied Takes the Authoritarian Exit. **Horizon Insights**, p. 22, 2022.

RAHMOUNI, Kamilia. Language, power and identity: discursive construction of post-Revolution national identity in Tunisia. **Critical Discourse Studies**, p. 1-17, 2022.

ROCHA, Elizabete Sanches. A Importância do(s) olhar(es) antropológicos sobre cultura para o campo das Relações Internacionais: um desafio epistemológico. In: REA - REUNIÃO EQUATORIAL DE ANTROPOLOGIA, 6., 2020, Salvador. **Anais 6a REA-Reunião Equatorial de Antropologia**. Salvador: Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciências e Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2020. p. 1054-1069.

ROCHA, Elizabete Sanches; CAMARGO, Julia Faria. **Análise de discurso e relações internacionais: Considerações teórico-metodológicas**. São Paulo: ABRI - Associação Brasileira de Relações Internacionais, 2011.

SAID, Edward W. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. 1 ed. SP: Companhia das Letras, 2007.

SAID, Edward. **Análise: O choque de ignorâncias**. Folha de S.Paulo, 2001. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31639.shtml>. Acesso em: 17 de maio de 2023.

THAROOR, Ishaan. Tunisia's president extends democracy crackdown, rejects foreign criticism. **The Washington Post**, 2023. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/world/2023/03/01/tunisia-saied-democracy-crackdown/>. Acesso em: 1 jun. 2023.

WODAK, Ruth; DE CILLIA, Rudolf; REISIGL, Martin. The discursive construction of national identities. **Discourse and Society**, v. 10, n. 2, p. 149-173, 1999.

WOLF, Anne. **Political Islam in Tunisia: The History of Ennahda**. Oxford University Press, 2017.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: **Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Vozes, 2014.

ZEMNI, Sami. From Revolution to Tunisianité: Who is the Tunisian People?: Creating Hegemony through Compromise. **Middle East Law and Governance**, v. 8, n. 2-3, p. 131-150, 2016.